



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)  
ISSN 2177-3688

**GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento**  
Pôster

## **ESTRUTURA NARRATIVA DA CHARGE: VARIÁVEL DA ANÁLISE DOCUMENTÁRIA<sup>1</sup>**

### ***POLITICAL CARTOON NARRATIVE STRUCTURE: SUBJECT ANALYSIS VARIABLE***

**Thulio Pereira Dias Gomes, IBICT – UFRJ**  
thuliogomes@gmail.com

**Rosali Fernandez de Souza, IBICT**  
rosali@ibict.br

**Resumo:** Apresenta a estrutura da charge como uma variável da análise documentária. O objetivo é investigar a estrutura da charge para identificar variações na análise documentária. O trabalho discute a estrutura narrativa mínima e a análise documentária de charge. Considera a charge como gênero discursivo de uso híbrido das linguagens verbal e imagética, caracterizado pela temporalidade marcada pela sátira e pela crítica referentes a determinado evento, em geral de natureza política. A estrutura narrativa é considerada como passagem e transformação de um estado inicial em um estado final. Observa as possibilidades de produção de sentido e de narrativas na mediação da informação. Destaca o conflito entre as linguagens da charge e do sistema informativo documental. Aponta as possibilidades de categorização de tipos de charge. Conclui que os conhecimentos da estrutura narrativa e de como se dá a produção signífica podem permitir a elaboração de estratégias para a análise documentária de charge. Reforça a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre narrativas no contexto da organização do conhecimento.

**Palavras-chave:** Análise documentária. Charge. Estrutura narrativa.

**Abstract:** It presents the political cartoon structure as a variable of the subject analysis. The aim is to investigate the political cartoon structure in order to identify variations in the subject analysis. The political cartoon is a hybrid graphic and verbal discursive genre which criticizes or satirizes any event. Subject analysis consists in extracting central ideas of a document intending the retrieval of it through synthetic representations. The narrative structure is considered as a passage and transformation from an initial state to a final state. It points the possibilities of sense and narrative production on the mediation of information. It emphasizes the conflict between the languages of political cartoon and retrieval information system. It points the possibilities for categorizing types of cartoon. It concludes the knowledge of narrative structure and how is the sign production may allow the development of strategies for the subject analysis of political cartoon. Reforça a necessidade de aprofundar as

---

<sup>1</sup> O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

pesquisas sobre narrativas no contexto da organização do conhecimento.

**Keywords:** Narrative structure. Political cartoon. Subject analysis.

## 1 INTRODUÇÃO

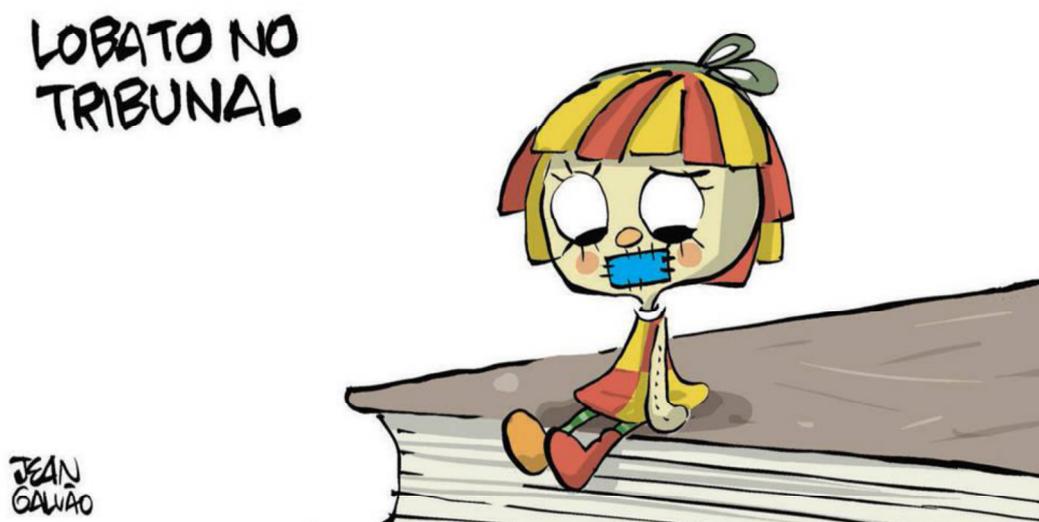
A estrutura do documento é considerada uma das variáveis do processo de análise de documentária. Neste contexto, a despeito dos processos gerais de análise, as atividades documentárias podem variar de acordo com o tipo de documento. Assim, este trabalho discute a estrutura da charge. O objetivo, então, é investigar a estrutura da charge para identificar a variações na análise documentária. A pesquisa apresenta um estudo de caso de caráter exploratório de análise de uma charge.

Na seção seguinte é apresentada a noção de charge. Debate-se, na seção três, a estrutura narrativa mínima e sua aplicação à análise documentária. As considerações finais compõem a seção quatro. Por fim, são arroladas as referências aos textos que fundamentaram este trabalho.

## 2 A CHARGE

Não é incomum que o gênero charge seja confundido com outros gêneros similares. Para evitar imprecisão conceitual, neste trabalho, considera-se como charge um “gênero discursivo de uso híbrido das linguagens verbal e imagética, caracterizado pela temporalidade marcada pela sátira e pela crítica referentes a determinado evento, em geral de natureza política” (GOMES, 2013, p. 26-27). A figura 1 ilustra um exemplo de charge.

FIGURA 1 – *Lobato no Tribunal*, por Jean Galvão



Na charge, Jean Galvão usa a personagem Emília, uma boneca de pano, sentada sobre um livro, para se referir à obra de Monteiro de Lobato. Emília tem costurado em sua boca um pedaço de pano representando a censura que se está fazendo aos livros de Lobato. A referência ao julgamento se dá na participação do narrador através dos signos verbais “Lobato no Tribunal”.<sup>2</sup>

### **3 ESTRUTURA NARRATIVA MÍNIMA DE CHARGE**

Segundo Lara (1993), a estrutura textual é o reflexo do arranjo utilizado pelo autor para a apresentação das informações. De acordo com Mollica e Guedes (2013), na enunciação, os falantes embalam as informações por meio de opções linguísticas e de estruturas da linguagem em contextos de fala e de escrita. Algumas autoras defendem que o reconhecimento dessas estruturas favorece a compreensão do fluxo da informação durante a leitura do texto. (CUNHA, 1990; FUJITA, 2004; KOBASHI, 1996; MOLLICA; GUEDES, 2013).

Em termos de análise documentária de charge, a dimensão textual, porém, não esgota as principais características deste, que são a relação com o contexto de enunciação e a linguagem sincrética (FLÔRES, 2002; GOMES; GUEDES; SANTOS, 2013a). Torna-se, portanto, necessária a transposição do nível textual para um nível mais abrangente, o narrativo.

Na dimensão da narrativa, observa-se a temporalidade, ainda que estática, na charge. A narrativa da charge é sustentada pela enunciação, pelo que é explicitamente enunciado ou pela indicação que o desenho nos dá sobre o que aconteceu antes ou do que acontecerá depois da situação desenhada (VIEIRA, 2001).

Adam (1985 apud VIEIRA, 2011) defende que a o mais importante na sequência narrativa mínima é a passagem e a transformação de um estado inicial em um estado final, havendo macroposições narrativas intermediárias que funcionam como elementos de garantia nessa transformação. Com esta ideia, Adam propõe um abstrato modelo narrativo.

---

<sup>2</sup> Em 2010, um parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão ligado ao Ministério da Educação (MEC), recomendava a retirada do livro "Caçadas de Pedrinho", escrito por Monteiro Lobato, do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). A justificativa para tal recomendação era a presença de racismo na obra de Lobato. O parecer do CNE foi suscitado, sobretudo, pela abordagem da personagem Tia Nastácia em trechos que a comparava a cozinheira do Sítio do Pica-Pau Amarelo a uma "macaca de carvão". Entretanto, por meio de um ato homologatório, no mesmo ano, o MEC liberou a presença da obra no PNBE, contanto que os exemplares distribuídos fossem acompanhados de nota explicativa sobre a presença de estereótipos raciais na literatura. O caso chegou ao STF por meio do Mandato de Segurança 30952, de autoria do Instituto de Advocacia Racial (Iara) e do técnico em gestão educacional Antônio Gomes da Costa Neto. Os autores da ação pediram a reforma do ato homologatório do MEC. Além das notas explicativas, os autores requereram imediata formação e capacitação de educadores para que a obra seja utilizada de forma adequada na educação básica. O caso provocou bastante polêmica e discussão entre educadores e pesquisadores de literatura. Em nota de convocação para a audiência de conciliação, o Ministro Luiz Fux fez uma afirmação que ilustra genericamente os temas discutidos na época. "Faz surgir relevante conflito em torno de preceitos normativos de magnitude constitucional, quais sejam, a liberdade de expressão e a vedação ao racismo", afirmou Fux (BRASIL, 2012, p. 1).

A figura 2 pode ser usada para exemplificar a dimensão narrativa da charge.

FIGURA 2 – *Onde está o Amarildo?!*, por Carlos Latuff.



Fonte: LATUFF, 2013.

A charge da figura 57 se refere ao caso Amarildo<sup>3</sup>, ocorrido no Rio de Janeiro, em 2013. Na cena estática, apontam-se elementos da sequência narrativa. É possível identificar um estado inicial que passa por uma transformação até chegar a um estado final. O estágio inicial poderia ser a criança em casa, com seu pai. A transformação foi a ação da polícia ao levar o pai na viatura. O estágio final é a criança procurando pelo pai desaparecido. Observa-se que esta análise se baseia em uma estrutura narrativa mínima.

A identificação de todos os elementos da charge, todavia, não é necessária para a construção de narrativas por aquele que vê a imagem. A charge da figura 2, por exemplo, tem sua referência ao caso Amarildo em, pelo menos, dois elementos: a legenda “*Onde está o Amarildo?!*” e a caricatura da viatura da Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMERJ). Sem esses elementos, sobretudo a legenda, esta charge poderia muito bem ser caracterizada como cartum. Considerando-se as variações regionais de pintura de veículos utilitários, supõe-se

<sup>3</sup> Amarildo Dias de Souza (Rio de Janeiro, [1965/1966?]) é um ajudante de pedreiro que ficou conhecido por causa do seu desaparecimento no dia 14 de julho de 2013, após ser detido por policiais militares e conduzido da porta de sua casa, na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em direção à sede da Unidade da Polícia Pacificadora (UPP) do bairro. Seu desaparecimento se tornou um símbolo dos casos de abuso de autoridade e de violência policial. A campanha “Onde está o Amarildo?” teve grande repercussão nas redes sociais e nos protestos de junho de 2013. Movimentos sociais nacionais e internacionais apoiaram a família de Amarildo e colaboraram na exigência de esclarecimentos da PMERJ sobre o caso. Os principais suspeitos pelo desaparecimento do pedreiro são da própria polícia.

que alguém, ao ver a imagem, poderia identificar o carro, por exemplo, como uma ambulância. Nessa situação, o sentido dado à narrativa seria outro bem diferente da situação a que se refere à charge, mas não menos possível.

Outra questão que diz respeito à estrutura da charge é o conflito entre linguagens da charge e do sistema informativo documental. Teixeira (2005, p. 56) aponta que a “imagem é atravessada pelo discurso da fala, de modo tal que sua visibilidade depende de sua textualidade”. Segundo Foucault ([1966] 1999, p. 11), “por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja no que se diz”. Para este autor, o lugar das palavras não é o lugar descortinado pelos olhos, mas é um lugar definido pelas sucessões da sintaxe.

Não há, assim, como traduzir efetivamente os conteúdos da charge, e de qualquer outra imagem e até mesmo textos, para a linguagem documentária. Os resumos, as legendas e os descritores não são eficazes para dar conta do conteúdo da charge e dos demais documentos, tampouco das possibilidades de significação e de utilização. Afinal, “analisar uma imagem significa, quer queiramos quer não, ‘traduzir’ certos elementos desta imagem de um código icônico para um código verbal” (SMIT, 1989, p. 105). É possível, então, falar de uma perda semântica inevitável na tradução do conteúdo dos documentos para as linguagens documentárias, uma vez se tratar de transcodificação, uma mudança de um código para outro. Em outras palavras, o conteúdo de uma charge não pode ser efetivamente traduzido para um texto documentário, sem que haja uma redução de sentidos na tradução da linguagem sincrética da charge para a linguagem documentária.

A investigação de estrutura da charge pode indicar possibilidades de categorização de charges. Algumas categorias foram sugeridas por autores como Gawryszewski (2008) e Peláez Malagón (2003), na intenção de se estabelecerem definições de caricatura e de charge. Mollica e Guedes (2013) falam da viabilidade com fins didáticos e de pesquisa do agrupamento de gêneros discursivos. A categorização de charge, nesse sentido, pode ser algo que contribua para a sua análise documentária, sobretudo aquela que envolve a representação descritiva. O estabelecimento de categorias de charge poderá apontar a necessidade de desenvolvimento de metodologias distintas para a análise documentária das possíveis tipologias de charge (GOMES, 2013).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os conhecimentos da estrutura narrativa e de como se dá a produção sígnica podem permitir a elaboração de estratégias para a análise documentária de charge. É necessário, porém, investigações sobre a estrutura da narrativa da charge e sua aplicação na análise

documentária. Pensar sobre a charge enquanto possibilidades de construção de narrativas abre espaço para a charge ser vista como obra aberta (ECO, 1986) na interpretação.

A transposição da dimensão textual para a narrativa traz novas possibilidades de análise e de apreensão da informação, o que certamente refletirá nas questões voltadas para a organização do conhecimento. Essas possibilidades devem ser objeto de pesquisa, observando as estruturas narrativas bem como as críticas a esses modelos estruturalistas. A dimensão narrativa não deve apenas ser analisada em vista de sua aplicação sobre a charge, mas também dos demais documentos com que trabalha o documentalista.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ministro promove audiência de conciliação nesta terça (11). **Notícias STF**, 6 set. 2012. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=217373&caixaBusca=N>>. Acesso em: 6 fev. 2013.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. **Do mito à análise documentária**. São Paulo: EDUSP, 1990. (Teses, 11).

ECO, Umberto. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Tradução de Giovanni Cutolo. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FLÔRES, Onici. **A leitura da charge**. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2002.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, Artigo 01, ago. 2004.

GALVÃO, Jean. Lobato no tribunal. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 set. 2012. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/9838-charges-setembro#foto-188598>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. **Domínios da imagem**, Londrina, PR, v. 1, n. 2, p. 7-26, maio 2008.

GOMES, Thulio Pereira Dias. **Temas e questões em análise documentária de charge**. 2013. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

GOMES, Thulio Pereira Dias; GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira; SANTOS, Maria José Veloso da Costa. Interferências dos contextos de produção e de uso na análise documentária de charge. In: RIBEIRO, Fernanda; CERVEIRA, Maria Elisa (Orgs.). **Informação e/ou conhecimento**: as duas faces de Jano. Porto [Portugal]: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013a. p. 245-263.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. **A representação documentária**: em jogo a significação. 1993. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)–Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

LATUFF, Carlos. **Onde está o Amarildo?**. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/realcarloslatuff/>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira. Mudança no fluxo informacional e gêneros discursivos. In: ALBAGLI, Sarita (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília, DF: IBICT, 2013. p. 216-235.

PELÁEZ MALAGÓN, José Enrique. El concepto de caricatura como arte en el siglo XIX. **Sincronía**, Guadalajara, Jal. [México], Primavera, 2002.

SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: GRUPO TEMMA; SMIT, Johanna W. (Coord.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1989. p. 102-113.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapasas da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Edi es Casa de Rui Barbosa, 2005. (Cole o FCRB, Série Estudos, 2).

VIEIRA, André Guirland. Do conceito de estrutura narrativa   sua crítica. **Psicologia**, Porto Alegre, RS, v. 14, n. 3, p. 599-608, 2001.